

TRIVIAL VARIADO

RUBEM BRAGA

UM MAL-ENTENDIDO

Publicado em 1945, logo após o fim da guerra, meu livro Com a FEB na Itália, só agora é reeditado, sob o título Crônicas de Guerra.

É uma dessas crônicas que aqui vai. A coisa se passa perto da Torre de Nerone, posição encravada na frente inimiga e nosso único posto de observação sobre sua retaguarda. A crônica é de março de 1945.

“Isso foi na noite em que correu pela frente a notícia de que os brasileiros tinham tomado o Castelo. A notícia voou pela complicada rede telefônica a tôdas as unidades e em minutos foi-se ramificando para as subunidades, até chegar aos tenentes de fuzileiros, que a passaram para os homens nas posições. Assim os setores parados da frente vibraram com a boa nova — e a notícia acrescentava que o Segundo Batalhão do Sampaio destambocara pela linha alemã e estava trabucando em La Serra e cota 958.

No PC de um dos batalhões do 6.º RI, na posição mais ingrata de toda a frente, os homens se animaram — e o Capitão José Maria Gonçalves, ligação da Artilharia, estava entre eles. Conheci desde que saímos do Rio o Capitão José Maria: é um homem calado. Mas naque-

le instante correu para o telefone, ligou para uma bateria e disse:

— O Castelo caiu! Vamos comemorar isso. Mandem uma rajada por 6 de 105 no nariz do Soprassasso!

Minutos depois as granadas reboavam lá em cima, ribombando pelo vale escuro. E foi um estrupício. Os alemães, assustados (a linguagem militar tem suas frescuras: nesses casos diz-se que o inimigo está muito “sensível”), acharam que ia ser atacado o Soprassasso — e perderam o contrôle. Um foguete vermelho brilhou no ar, apagando-se logo. Depois começaram a lançar *very-lights*, à procura do inimigo que devia estar galgando as encostas. E tôdas as “lourdinhas” começaram a cacarejar para todos os lados, enquanto batiam a nossa linha, à esquerda e à direita do rochedo, rajadas consecutivas de morteiro e artilharia. Em poucos minutos a barulheira era geral, e havia sibilos no meio dos estrondos: os alemães atiravam de fuzil e ainda lançavam granadas de fuzil. Atrás de suas metralhadoras ou junto de seus morteiros, em volta do Soprassasso, nossos pracinhas coçaram a cabeça:

— Deu a louca no tedesco!

O alemão atira pouco — parte porque economiza munição, parte porque atirar pouco é um dos segredos da guer-

